
**DETERMINAÇÕES E CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO DE GERMINAL: MARXISMO E
EDUCAÇÃO EM DEBATE – notas para estudos futuros!!**

**DETERMINACIONES Y CONTRADICIONES EN LA PRODUCCIÓN DE GERMINAL:
MARXISMO Y EDUCACIÓN EN DEBATE – notas para estudios futuros!!**

**DETERMINATIONS AND CONTRADICTIONS IN THE PRODUCTION OF GERMINAL:
MARXISM AND EDUCATION IN DEBATE – notes for future studies!!**

Elza Margarida de Mendonça Peixoto²

Resumo: Um periódico que reivindica o marxismo completa 10 anos de existência em um momento de crise mundial do capitalismo, cujas classes que dele tiraram vantagem absoluta, com a força dos que agonizam, atacam ferozmente as bases de todo e qualquer projeto que lhe seja antagônico: as práticas e a história dos movimentos sociais, dos povos de/em luta, da classe trabalhadora; a teoria marxista e o comunismo como projeto histórico. *Geminal*: Marxismo e Educação em Debate pode sobreviver? Cumpre o desafio do balanço do papel da revista nestes 10 anos.

Resumen: Un periódico que reivindica el marxismo completa 10 años de existencia en un momento de crisis mundial del capitalismo, cuyas clases que de él sacaron ventaja absoluta, con la fuerza de los que agonizan, atacan ferozmente las bases de todo y cualquier proyecto que le sea antagónico: las prácticas y la historia de los movimientos sociales, de los pueblos de / en lucha, de la clase obrera; la teoría marxista y el comunismo como proyecto histórico. *Geminal*: Marxismo y Educación en Debate puede sobrevivir? Cumple el desafío del balance del papel de la revista en estos 10 años.

Abstract: A journal claiming Marxism completes 10 years of existence in a moment of world crisis of capitalism, whose classes that have taken absolute advantage of it, with the force of those who are agonizing, fiercely attack the bases of any project that is antagonistic to it: the practices and history of the social movements, of the people in struggle, of the working class; Marxist theory and communism as a historical project. *Geminal*: Can Marxism and Debate Education Survive? It meets the challenge of reviewing the journal's role in these 10 years.

Introdução:

Um periódico que reivindica o marxismo completa 10 anos de existência em um momento de crise mundial do capitalismo. O balanço da contribuição deste periódico e dos limites e possibilidades de sua sobrevivência na conjuntura que se delinea não pode ser adequadamente realizado sem reconhecer a correlação de forças em que se move a luta por um projeto educacional dirigido para os interesses da classe trabalhadora brasileira – projeto no qual entendemos que *Geminal* se inscreve. Parte deste movimento implica reafirmar que o projeto original deste periódico envolveu e envolve – recordando as notas finais com que Zöla³ pontua e esperança de uma revolução promovida pelos que produzem a riqueza sem dela usufruir – contribuir para a

superação das relações de produção capitalistas. Mas temos que avançar para reconhecer que o alinhamento a este “projeto histórico” não se dá em condições idealizadas, pontuadas pela ingenuidade de imprimir à realidade um *dever ser* projetado em nossas consciências “revolucionárias”!! Muito pelo contrário! As condições nas quais produzimos *Germinal* vêm sendo profundamente contraditórias e a análise adequada destas condições é passo fundamental para que apreendamos os limites nos quais temos nos movido e quanto estes limites comprometem nossas possibilidades.

Um periódico que surge no seio de uma economia-política adversária da classe trabalhadora

As classes que tiraram vantagem absoluta do capitalismo atacam ferozmente as bases de todo e qualquer projeto que lhe seja antagônico: as práticas e a história dos movimentos sociais, dos povos de/em luta, da classe trabalhadora; a teoria marxista e o comunismo como projeto histórico e alternativa à evidente barbárie para a qual nos empurra o capital. Lutam para dirimir às referências⁴ que expressam a necessidade, possibilidade, capacidade organizativa e de reação dos trabalhadores. Lutam para reprimir – àquilo que é a expressão da crise mais ampla instalada nas relações de produção capitalistas – as manifestações sociais de grande impacto e com uma agenda diversificada espalhadas por todo o mundo, indicadoras de esgotamento das leis do desenvolvimento da sociedade moderna (MARX, 1989). É no seio desta crise, que a avaliação dos limites e possibilidades de sobrevivência de *Germinal* deve ser empreendida.

A total subordinação dos recursos naturais e do potencial produtivo do Brasil aos interesses econômicos das grandes corporações econômicas internacionais e aos interesses imediatistas de mercado⁵ leva a uma política econômica que cerceia o desenvolvimento das forças produtivas no Brasil, restringindo-o aos limites que o capital monopólico e imperialista estabelece para cada território na divisão internacional do trabalho. É no seio do desenvolvimento das forças produtivas que se encontra o atual estágio de desenvolvimento da classe trabalhadora. Nunca é demais lembrar que o projeto do grande capital imperialista para a formação da classe trabalhadora brasileira (e também das classes dominantes, algo pouco estudado na esquerda) envolve a total subordinação aos interesses econômicos, e consequentemente, políticos e ideológicos, de uma “elite” que concentra sozinha o suficiente para sustentar mais de 99% da população mundial⁶. Investigadores brasileiros já explicitaram com fartura de dados e documentos as formas como a política educacional empreendida no Brasil obedece às orientações de organismos financeiros internacionais profundamente comprometidos com a despolitização da classe trabalhadora brasileira e a garantia de acumulação dos grandes capitais⁷ (MELO, 2004; ANTUNES, 2009; LEHER, VITTORIA, MOTTA, 2017; LEHER, 2016; MATONEZZI, 2012)⁸.

A elite econômica brasileira – alinhada aos interesses econômicos capitalistas que lhe são vantajosos – subordinada aos organismos internacionais componentes da lógica do capitalismo monopolista e imperialista que governa todo o mundo, encampa e promove o estrangulamento de todo e qualquer projeto direcionado à

formação da classe trabalhadora brasileira na direção da superação das relações de produção capitalistas. Em 2014, relatórios do IBGE apontavam a existência no Brasil de uma população jovem⁹ de 51,3 milhões entre 15 e 29 anos, ou seja, cerca de 1/4 da população. A CNTTL¹⁰ sinalizava: “A pesquisa mostra que 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalham, 36% estudam e 22,8% trabalham e estudam simultaneamente”. Apesar destes dados, continuamos impedidos de desenvolver um Sistema Nacional de Ensino, assentado em uma escola unitária e na formação científica, mantendo uma escola dualista que forma, de um lado, na classe média, a gerência científica e do outro, a classe trabalhadora que tem acesso à alfabetização básica para assumir postos em um mercado de trabalho cada vez mais escasso¹¹. Apesar de desenvolver referenciais críticos de ponta, somos continuamente empurrados para pedagogias não-críticas, crítico-reprodutivistas ou irracionalistas que em nada contribuem para que a classe trabalhadora brasileira aproprie o patrimônio cultural historicamente produzido pela humanidade. Largados ao *laissez faire* reivindicado pelas classes dominantes, os trabalhadores brasileiros, quando a ela têm acesso, se formam em uma escola gestada para ser produtiva para os interesses capitalistas¹², ou nas duras condições de trabalho que enfrentam no campo e na cidade deste vasto território de 8.516.000 km².

Se formam agricultores familiares na pouca terra distribuída. Se formam trabalhadores no plantio e colheita das lavouras de cana-de-açúcar, café, algodão, soja, feijão, arroz, da borracha, da aveia, do trigo, de laranjas, de bananas, de hortaliças, do sisal, dos cocos e tanta lavoura quanto pode este vasto território!! Se formam trabalhadores das pequenas criações de ovinos, caprinos e suínos e empregados das grandes corporações produtoras de uma criação diversificada de animais de terra e mar. Se formam trabalhadores da pesca, nos mais variados e interessantíssimos sistemas de extração dos frutos do mar de Norte a Sul neste território com 8.500 km de área costeira, abrangendo 17 estados e mais de quatrocentos municípios, distribuídos do Norte equatorial ao Sul temperado do país¹³, com uma impressionante riqueza extraída das águas de rios, lagoas, e do oceano Atlântico, pelos poderosos braços desta categoria. É ainda neste território campo/cidade que a indústria extrativista sangra a terra produzindo minérios, metais preciosos e petróleo, sal gema, nióbio, entre outros minerais e combustíveis. A indústria de transformação converte os produtos da terra em uma rica variedade de alimentos e bebidas industrializados, incluindo-se os meios de armazenamento e transporte, como no caso da cerâmica que sai das mãos de criativos ceramistas. Nas cidades, na parca indústria que as relações internacionais imperialistas nos deixaram desenvolver, os brasileiros se formam trabalhadores fabris dos ramos de tecelagem, calçados, eletro-eletrônicos, automóveis, móveis, eletrodomésticos e construção civil. No comércio, a circulação de mercadorias fruto do trabalho de categorias de trabalhadores de todo o mundo, nos mais variados ramos de produção, é garantida pela maior categoria de trabalhadores do país, no comércio de alimentos e bebidas, combustíveis, de vestuário e calçados, de medicamentos, de eletroeletrônicos, móveis e artigos de decoração, além de um diversificadíssimo ramo de materiais de construção. Ligando toda esta riqueza, os trabalhadores de transportes terrestres, aéreos e marítimos movem uma população estimada em 04.04.2019, em 209 milhões, 730 mil e 358 brasileiros. É preciso atender a esta população com serviços de transporte, saúde, educação e segurança, e os trabalhadores brasileiros são chamados a formar as fileiras de servidores públicos que sofrem as

agruras de um país conduzido por perspectivas de gestão liberal de toda esta riqueza da terra e humana. São os servos de uma estrutura precária e decadente – decorrência do projeto de estado mínimo para os trabalhadores e máximo para a acumulação privada da riqueza pelos capitalistas e proprietários das forças produtivas – que têm a tarefa de garantir políticas públicas para uma população que, em dados divulgados pelo IBGE em 2017, estima-se em 55 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza: técnicos administrativos, professores, médicos, enfermeiras, nutricionistas, advogados, assistentes sociais, policiais, condutores de ambulâncias, etc.

É no seio desta imensa riqueza que é a força de trabalho brasileira, que esta se forma na luta de classes, no enfrentamento às condições em que vivem nas relações de produção capitalista. Estão pressionados ao extremo por ameaça de desemprego (estatísticas extraoficiais estimam mais de 30 milhões de desempregados sustentando-se em pé como vendedores ambulantes, vivendo do lixo ou como pedintes), e pelo trabalho intermitente, intensificado, precário, com salários rebaixados e desinteressante. Para manter a acumulação e controlar este caldeirão, o capital abandona o projeto de uma escola pública universal e entrega a classe trabalhadora aos cuidados do irracionalismo. A escola pública que segue da educação básica ao ensino superior, até aqui, aproxima-se de um sistema prisional, no qual professores e estudantes engaiolados e atemorizados pela falta de perspectiva – em um país que entregou o seu futuro nas mãos dos bancos, dos especuladores financeiros, dos latifundiários, das grandes mineradoras, das grandes construtoras, das operadoras de convênios de Saúde, das grandes corporações de transportes e de educação internacionalmente enraizadas – produzem uma juventude que desconhece as condições que geram a miséria em que vivem, e que solucionam suas angústias no adoecimento, no suicídio, nas drogas e na violência. Já temos nós nossa “Tiros em Suzano”¹⁴ que assoma como primeira expressão dos planos e do projeto a que serve o chamado “bolsonarismo” para favorecer mais ainda a indústria bélica, com a promessa de solução fácil dos conflitos pela eliminação do oponente.

Recorrendo a uma categoria abstrata que nada diz dos conflitos subjacente a que nomina, este *país* – cujo quadro exato estamos muito longe de precisar inclusive, pela dispersão e manipulação das estatísticas oficiais – encontra-se impedido de desenvolver suas forças produtivas, em especial, de desenvolver a classe trabalhadora como força produtiva, por subordinar-se, como fruto da própria miséria e ignorância, ao projeto de extração de mais valia a partir do trabalho na sua forma mais simples.

É sob este projeto, que o parco parque universitário público no qual movimenta-se com muita luta um setor de trabalhadores envolvidos no desenvolvimento de ciência e tecnologia, encontra-se fadado ao sepultamento nos próximos anos. No seio deste setor, fazemos os periódicos científicos para registrar a produção acadêmica do corpo docente das áreas humanas. É sobre a produção destes trabalhadores que os que dão a direção da política de ciência e tecnologia no Brasil jogam a responsabilidade pelo custeio dos recursos para o desenvolvimento científico e tecnológico. Nesta ciranda, por estrangulamento, vão sendo assassinadas as Ciências Humanas e o projeto de uma ciência e tecnologia autônomas¹⁵. Em seu lugar, o capital reelege com uma variedade e riqueza inimagináveis, as diversas teologias irracionalistas¹⁶ a que entregam o rebanho de explorados com a finalidade de contenção. Sob estas determinações, forma-se uma classe trabalhadora que ferve

em tristeza, cansaço e revolta. *Germinal*, certamente não os alcança. Mas, é do futuro do movimento prático que vão realizar que falamos e para o qual nos preparamos: na barbárie instalada, urge projetar humanidade, ainda que como centelha.

Um periódico que reivindica uma posição de classe na disputa pela direção da crítica

Temos claro que um periódico é veículo de visões de mundo. Os periódicos nos remetem às leituras realizadas pelos intelectuais de um determinado momento histórico acerca d'aquilo que existe e d'aquilo que pode vir a ser o que existe. Há maior ou menor margem de acerto nestas leituras, a depender sempre do grau de enraizamentos dos intelectuais nas lutas de seu tempo, da atenção que mantêm às lutas ali travadas e dos instrumentos de que se utilizam para ler o tempo em que vivem. Quando estas condições são atendidas, os periódicos compõem o processo de luta de classes e a construção da correlação de forças em que vai se desenhando as possibilidades daquilo que pode vir a ser o futuro, que – embora sem condição de determinação primeira – também passa pela produção de novas subjetividades. Toda a corrente ideológica que busca imprimir direção à realidade mantém, entre as várias ações objetivas que necessita realizar, meios de comunicação e intelectuais orgânicos capazes de operá-los¹⁷, tornando-se essencial na luta de classes reconhecer a quais grupos de interesses que fervilham na economia política de uma dada formação social respondem os periódicos .

De partida, esta clareza nos levou a que, no projeto de *Germinal*, nos compromissássemos com um universo filosófico e político de referências sobre aquilo que é a existência, que almeja alcançar a verdade – ainda que provisória. Esta decisão sempre implicou o acerto de contas e a crítica rigorosa dos limites das demais matrizes teóricas quanto às possibilidades de leitura das condições nas quais existimos. Assim, *Germinal* buscou se estabelecer em crítica rigorosa às perspectivas empiristas, positivistas e fenomenológicas que beiram os irracionismos, e, obviamente, na atual conjuntura, esta posição não nos abriu portas para além daqueles que nos enxergaram como um espaço tático de debates para o aprimoramento dos nossos referenciais e das leituras que fomos capazes de empreender neste período!

Esta opção original pelo marxismo demarcou e demarca aquilo que pudemos e podemos ser nas relações de produção capitalistas nas quais se define a política educacional – e a política de educação superior – que se desenrola na formação social brasileira, especialmente, na atual conjuntura. Isto por que, a opção de partida pelo marxismo, contraditoriamente, nos ajudou a lutar pela precisão dos referenciais teórico-metodológicos com que almejamos ver bem nossa existência¹⁸ para traçar planos de ação mais precisos, mas também nos colocou na mira de todas as proposições teóricas e ideológicas que se alinham aos interesses de conservação das relações de produção capitalistas – e não são poucas estas matrizes.

Nós insistimos em dizer que a posição pelo empirismo, pelo positivismo e pela fenomenologia, a posição pelo ecletismo, pelos relativismos, contribuem e reforçam as ideologias de conservação das relações de produção capitalistas, na medida em que nelas radica a impossibilidade de um rigoroso enfrentamento

explicativo das condições e das contradições nas quais vivemos. *Germinal* contribuiu das mais variadas formas para fazer constantemente esta denúncia!

Este movimento gerou e gera indisposições que evidenciam que as relações de produção da ciência e tecnologia no Brasil não são e não podem ser “democráticas”, visto estarem profundamente enraizadas na lógica das relações de produção capitalistas. Por saber que a circulação livre de ideias abre possibilidades de movimentos em direção a outras relações de produção, a posição conservadora luta para impedir a proliferação do marxismo pelas mais variadas formas, incluindo a repressão total que se avizinha, ensaiada com o *Projeto Escola Sem Partido* e com a campanha barulhenta de extrema-direita contra o comunismo e o marxismo.

A opção pelo marxismo compõe as determinações para a falta de recursos e de apoio institucional com que vimos produzindo a revista e a impossibilidade de atender aos critérios e exigências feitos para selecionar aqueles que teriam direito aos poucos recursos disponibilizados para a ciência e tecnologia no Brasil.

Um periódico amarrado ao sistema de avaliação da produtividade docente que condiciona o acesso aos recursos públicos e à formação de Mestres e Doutores.

Agir sobre a realidade com pretensão de duração exige conhecimento rigorosos daquilo que a realidade é. Ir à raiz, conhecer em profundidade, é uma meta exigente que tem orientado tudo aquilo que a humanidade produziu de mais avançado. Mas é uma meta anacrônica ante a volatilidade da forma capitalista de gestão e produção da vida neste momento da conjuntura!! O *Capital* – no qual as relações de produção capitalistas são determinadas pela hegemonia de uma pequena parcela que controla os meios de produção – realiza o desenvolvimento das forças produtivas assentado em profundas contradições que incluem a pressa pelo retorno rápido, a volatilidade dos interesses de mercado, o desenvolvimento acelerado da ciência e da técnica a serviço da produção capitalista e sua lentidão no atendimento aos interesses dos trabalhadores, a imposição de um ritmo de produção incessante do novo e do inovador visando o consumo imediato que promove à obsolescência planejada do que está em uso e sua substituição (pelas trocas), pelo mais “novo/moderno”.

A produção da ciência se movimenta neste território contraditório entre a exigência da fundamentação, da radicalidade e do rigor (para ser ciência) e o grau de volatilidade das relações de produção capitalistas que, entre outros aspectos, são geridos na perspectiva da obsolescência planejada, um projeto que entrava a possibilidade do conhecimento radical e rigoroso, na medida em que impede o conhecimento de amadurecer.

Produzir algo novo em ciência demanda investimento em qualidade e quantidade de equipe profissionalizada no exercício da investigação científica. A continuidade da investigação vai explicitando a provisoriade do conhecimento, que por sua vez se estende por longos períodos nos quais o pouco que conhecemos deve ser levado ao debate por uma comunidade de interessados a desvelar aspectos diversos dos

problemas, a partir de áreas de aprofundamento também diversificadas (a necessidade do conhecimento do mundo e o estágio precário do desenvolvimento dos referenciais sobre como conhecer levaram à divisão da realidade em disciplinas).

Em 1886 Engels denunciava uma ciência que se apressava a dizer da árvore sem reconhecer os bosques.

Conhecer aquilo que é, demanda mergulhos em partes da realidade, mas demanda também o estabelecimento constante de nexos com o todo. O Capital (o capitalismo como modo de produção da vida) não permite o desenvolvimento de aprofundamentos que possibilitem esta recuperação do todo, justamente, porque depende da conversão de toda a existência em mercadorias, depende da continuidade deste ciclo que exige mercadorias que rapidamente se tornem obsoletas: seja pela fragilidade dos materiais que a compõem; seja pelo desenvolvimento de novas tecnologias, processos e atualização de recursos mais eficientes; seja pelo convencimento subjetivo de que o antigo está estética ou funcionalmente superado, produzindo-se subjetivamente a necessidade do “novo”.

Esta conversão de tudo aquilo que é necessário em mercadoria é constitutiva e determinante da forma da circulação do conhecimento no capitalismo.

As Universidades resistiram significativamente a esta dinâmica, mas foram derrotadas pela pressão que o capital vem exercendo. De um lado, sua produção e sobrevivência no Brasil envolveu e envolve uma luta continuada por recursos para a sua instalação com condições para o ensino, a pesquisa e a extensão. A destinação de verbas para o ensino superior brasileiro teve o tamanho de um projeto de Universidade elitista e restrita a uma fração mínima da população de classe média alta. Podemos dizer que este projeto foi enfrentado pelas políticas de cotas, mas quando avaliamos a quantidade de recursos destinados à investigação e os processos utilizados para acesso a estes recursos, torna-se evidente que (a) o projeto de uma universidade elitista não foi superado, (b) o projeto de uma Universidade restrita aos interesses do grande capital não foi vencido.

O chamado “produtivismo acadêmico” é uma expressão subjetiva de um movimento prático no qual, no seio do corte e do estrangulamento de verbas para as Universidades Públicas Federais e Estaduais, o acesso ao recurso para a pesquisa, o ensino e a extensão restou condicionado à uma surpreendente e coerente estrutura de avaliação que promoveu a concorrência entre estas instituições: os cursos de Graduação, os Programas de Pós-Graduação e as próprias Universidades foram avaliados, escalonados e agrupados de acordo com padrões de excelência duvidosos. Parte importante da avaliação destes cursos pesou (1) sobre a jornada de trabalho e sobre o salário do corpo docente e (2) sobre as condições de acesso e permanência ao ensino superior dos estudantes. No segundo caso: (a) escassez de bolsas e (b) redução dos prazos de conclusão dos processos de formação. No primeiro caso, na forma de cobrança de maior produtividade expressa em: (a) maior contingente de atendimento professor/aluno; (b) cobrança de elevação da titulação dos professores; (c) cobrança de produtividade na forma de artigos, capítulos de livros, livros e publicação de trabalhos completos em eventos;

(d) condicionamento de acesso aos recursos de pesquisa, ensino, extensão à candidatura a editais que promoveram a concorrência entre os membros do corpo docente.

Por dentro do *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* – CNPq e da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* - CAPES, deu-se a produção de uma imensa, complexa e intrincada estrutura de avaliação realizada a partir: (i) da exigência de produção docente e discente; (ii) da manutenção atualizada das informações sobre esta produção nos currículos do corpo docente e discente cadastrados na Plataforma Lattes; (iii) da exigência de agrupamentos em torno de figuras de liderança acadêmica (medida pela produtividade) constituindo-se os *Grupos de Pesquisa* e o *Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq*; (iv) da produção de um sistema de Avaliação da Graduação – SINAES/INEP¹⁹ e da Pós-Graduação, esta última atualmente condicionada ao preenchimento da *Plataforma Sucupira*²⁰; (v) e dentro desta última Plataforma, o sistema **Qualis** de avaliação/escalamento/ranqueamento dos periódicos²¹.

A produção de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* se dá condicionada pelas contradições desta lógica de avaliação que, simultaneamente, obrigou os quadros da Universidade Elitista a uma maior transparência e prestação de contas daquilo que faz, e cumpriu o papel de agravar o elitismo e a exclusão de cada vez mais estudantes e professores do acesso ao ensino (na pós-graduação especialmente, onde todas as verbas estão condicionadas à esta lógica), à pesquisa e à extensão, na medida em que condicionou (i) o acesso à docência na pós-graduação, (ii) o acesso aos recursos para a pesquisa e (iii) as bolsas de acesso e permanência à formação superior, à produtividade docente/discente.

Sob estas condições, vivemos a contradição de fazer a crítica ao sistema profundamente impregnados nele/dele. *Germinal* é procurada por autores que estão lutando pela garantia de acesso à pós-graduação (como professores e estudantes) e lutando por uma formação a partir de referenciais que reivindicam a superação das relações de produção capitalistas. Nos parece um desafio contundente compreender as determinações que incidem sobre a nossa produção, para reorganizarmos nossas fileiras neste momento em que somos alvos aparentes de intenções mais obscuras: quando o bolsonarismo ataca aos comunistas e aos marxistas, obviamente, pretende eliminar um constructo explicativo e prospectivo que fornece um rigoroso combate à filosofia do capital (o liberalismo) e propõe/projeta saída destas relações de produção. Mas tem como alvo a eliminação das Universidades Públicas para legar a terra arrasada ao setor da educação privada reduzindo-a aos interesses de mercado. O balanço das condições que possibilitam este ataque devastador, entretanto, exige retomar os processos de fortalecimento do capital privado ocorridos por dentro da expansão do ensino superior privado financiado com verbas públicas sob as barbas dos Governos “Democrático e Popular”.

Um periódico que se movimenta num quadro de crise econômica e política – por Roberto Leher²²

Em conferência proferida durante *XXVI Seminário Nacional da Rede UNIVERSITAS/Br²³*, Roberto Leher expôs uma importante análise das perspectivas para a educação num quadro de crise econômica e política,

que desejamos **reproduzir**²⁴ aqui. Caracteriza crise, classicamente, como o momento em que os excedentes de produção estão bloqueados de diferentes formas e a circulação de capitais está comprometida afetando, em diferentes graus, a realização do capital. Leher destaca três aspectos centrais para o entendimento da crise mundial e de sua particularidade no Brasil: (a) mudanças acentuadas na correlação de forças mundial; (b) fortalecimento dos grupos que operam o *capital comércio de dinheiro*, considerados sujeitos decisivos da crise; (c) no caso do Brasil, as peculiaridades de uma revolução burguesa que favorecem um ataque mais violento do capital ao fundo público²⁵.

Referindo-as às “mudanças acentuadas na correlação de forças mundial que foram tardiamente compreendidas no Brasil”, Leher vai recuperar que uma das “variáveis decisivas” para esta mudança foi a incorporação de quase dois bilhões de novos trabalhadores qualificados no mercado capitalista (HARVEY, 2011, p. 21). Uma força de trabalho oriunda da China, do Leste Europeu, da antiga União Soviética e outros países asiáticos que provocou um efeito tectônico na correlação de forças alterando as condições da relação capital/trabalho em âmbito planetário. A perda de direitos sociais, os ataques contra os sindicatos classistas e autônomos, as contrarreformas trabalhistas, a expansão da população trabalhadora excedente em virtude das expropriações, das mudanças políticas acima referidas e do desemprego advindo do fechamento de postos de trabalho de melhor qualidade provocam enorme enfraquecimento dos trabalhadores e de suas organizações, permitindo que os blocos de poder reduzam fortemente as concessões às suas classes de apoio. O pacto keynesiano-fordista no âmbito da socialdemocracia, rapidamente vai assumindo uma configuração de agenda neoliberal gerando efeitos contraditórios entre os quais algo ingovernável que é a emergência de uma força de trabalho sem esperança, sem regulações públicas, sem amparo público. Uma força de trabalho explorada, aviltada, que não tem expectativa de inserção formal como exército industrial de reserva em relações plausíveis de trabalho, que não vive a concretização do assalariamento que lhe dá acesso aos meios de vida. Esta massa de trabalhadores despossuídos, sem esperança, torna a classe trabalhadora muito vulnerável e alimenta a vitória de Trump, do Brexit, e, no Brasil, contribuiu para a vitória de Bolsonaro. A debilidade da organização dos trabalhadores e a difusão de ideologias conservadoras, como as de matizes pentecostais e neopentecostais, de enorme proporção no Brasil, denotam uma mudança na correlação de forças na América Latina em favor do grande capital que vai se adensando numa rapidez meteórica (LEHER, 2018).

Outro componente do quadro da crise são os capitalistas que operam o *capital comércio de dinheiro*, sujeitos decisivos da crise. Apoiado em Foster, Magdoff, Husson e Kliman, Leher vai desenvolver que os capitalistas, frente à queda tendencial das taxas de lucro, não aplicam o estoque de dinheiro (D') obtido com a extração de mais valia (os lucros do setor produtivo) em novos processos produtivos (em nova produção), levando-o para o mercado financeiro. Os Estados e as instituições financeiras incentivaram o superendividamento das famílias (como as hipotecas *subprime*), almejando contra-arrestar a queda da taxa de lucro. A hipertrofia do capital comércio de dinheiro está em relação indissociável com a economia subjacente,

alimentando um terrível círculo vicioso, impulsionado pelo investimento em papéis/títulos – este é um elemento determinante, mas é uma feição do problema (LEHER, 2018).

A crise atual tem raízes nos anos 70, quando a queda nas taxas de lucro produziu o ajuste neoliberal voraz contra os sindicatos, contra os salários, os direitos trabalhistas, contra os gastos públicos sociais, em suma, ofensivas que objetivavam maior exploração do trabalho com o fim de reverter a queda da taxa de lucro. Leher expõe a Tese de Husson de que este plano possibilitou o ascenso da taxa de lucros e permitiu jogar excedentes no mercado financeiro. Assim, o lucro foi direcionado ao mercado financeiro, inclusive às famílias, contraindo o consumo (baixos salários e endividamento), engendrando a crise. Esta tese de Husson é distinta da Andrew Kliman que defende que, retirados os ganhos financeiros das indústrias, não ocorreu reversão da queda da taxa de lucro desde os anos 70. Isto foi percebido pelos bancos e pelos Estados que começaram a fazer desonerações fiscais, políticas de renda básica para os trabalhadores, estimular a compra de casa própria e de automóveis como formas de reverter a queda da taxa de lucro, tudo isso sem lastro na massa dos salários, situação evidenciada na crise do mercado imobiliário nos EUA. Destacado o debate, Roberto vai assinalar que as análises sobre o que gera a crise atual convergem para a tese de que a crise está relacionada ao *capital comércio de dinheiro* – ou seja, uma expressão importante da crise é o deslocamento de grandes somas para os circuitos das finanças, em detrimento da produção imediata de mais valia. Este capital produtor de juros não apenas opera empréstimos e venda de dinheiro a juros para o banco, mas há um comércio de dinheiro na forma de títulos (Capital Fictício) – Títulos da Dívida, Ações, Expectativa de Ganho – esse capital fictício pode se converter em capital efetivo, seja na forma de capital portador de juros, seja na forma de capital inscrito no circuito da produção de mercadorias. Entretanto, este capital fictício pode se “autonomizar” e não se realizar, situação evidente na crise de 2008.

Em contextos de crises profundas os operadores do capital comércio de dinheiro começam a procurar novos nichos de ativos reais. Com a criação dos fundos de investimento (que são mais fluidos e não visam necessariamente a propriedade, mas o controle acionário de ativos de baixo risco) que “agrupam recursos de investidores para fins específicos e rápidos”, operadores financeiros podem comprar uma empresa, reestruturá-la e revende-la. Leher destaca que um grupo específico de fundos deve merecer nossa atenção: *Private Equity*. Estes fundos têm como característica fazer negócios com ativos consolidados (prontos para serem reestruturados), de baixíssimo risco e com verba pública (BNDES, FIES).

Isto funciona no capitalismo contemporâneo por que o Estado/o fundo público opera o mercado. Quem estrutura o mercado é o Estado ao definir jornada de trabalho, leis trabalhistas, taxas de regulação de câmbio, emissão de moeda, a decisão sobre os bens que serão disponibilizados ao mercado (a terra, a água, os minérios). Na correlação de forças, o setor financeiro, vitorioso, exige a redução das despesas primárias com a emenda 95/2016 (PEC 241, PEC 55) que dispõe sobre as despesas primárias (redução de todo o gasto público não financeiro), excluindo do teto dos gastos os juros e serviço da dívida que não têm limite. A redução das despesas primárias protege e garante os juros e vai exigir ferozes reestruturações no setor público. As despesas discricionárias (2,5 % do PIB) desaparecem com a emenda. Agora os recursos devem ser retirados daqueles

14,3% (gastos com educação, saúde, pessoal e previdência – daí a necessidade da reforma da previdência). Esta reestruturação para garantir o *capital comércio de dinheiro* é uma reestruturação suficientemente profunda que vai afetar de maneira drástica tudo aquilo que é pago no rol das despesas discricionárias.

Estes fundos avançam sobre a educação. Até 2005 a educação era um mercado improvável, pois não havia como expandir os consumidores com renda suficiente para adquirir a “mercadoria educação”. Quando o Fundo Advent fez o processo de reestruturação da Kroton ocorreu uma mudança de escala (o Advent, ao realizar o desinvestimento, praticamente quintuplicou seu investimento inicial). O negócio da educação vai para a bolsa de valores, um termômetro diário que possibilita aos investidores a análise das expectativas de crescimento dos lucros, que, uma vez frustradas, permitem que os investidores se retirem. Esse período de expansão dos fundos em algum momento se cruza com o investimento nas Universidades Públicas. A queda orçamentária é brutal! Os recursos de investimento (capital) das 63 Universidades em 2018/2019 foram da ordem de 700 milhões de reais. O MEC segurou os recursos de capital. Esta interdição, na hipótese de Leher, compromete a possibilidade da expansão das Universidades Públicas e está relacionada à opção pelo FIES. Os sujeitos que definem e operam a política do Estado são o Banco Central e o Ministério da Fazenda, produziram um *Fundo para a Expansão do Ensino Superior* – FIES (justificado como uma ferramenta para a democratização do ensino superior), com a sutileza da lógica financeira, na qual, não existindo dinheiro (um fundo público de impostos já assegurados para isto), emite títulos certificados do Tesouro Nacional. Estes títulos lastreiam o FIES. Quando as Instituições Privadas aderem ao FIES e abrem vagas, eles recebem títulos, recebem capital fictício, títulos da dívida que podem ser usados para pagar impostos e tributos. Simultaneamente, o MEC, em harmonia com o Banco Central e o Ministério da Fazenda, criou o PROUNI que derrubou os tributos. Com poucos tributos a pagar, sobram títulos. E os títulos acumulados estão sendo vendidos ao Tesouro, recebendo os valores com correção monetária e juros. Ano a ano o aporte de recursos que o Estado precisa para compensar esta montanha de títulos vai aumentando: 2010 – 2 bilhões; 2012 – 7 bilhões; 2014 – 12 bilhões; 2015 – 16 bilhões; 2016 – 18 bilhões e 2017 – 32 bilhões de reais. Isto gerou a crise do FIES, uma dívida exponencial!! Roberto Leher evidencia o estrangulamento das Universidades, trazendo que, em 2018, entre investimento e custeio, as 63 Universidades Federais (exceto folha de pagamento), receberam 5 bilhões.

O quadro apresentado por Roberto Leher evidencia a gravidade dos ataques ao fundo público agravando-se o comprometimento do projeto de Universidade Pública no qual se inscreve a produção dos periódicos como mais que meios de difusão do conhecimento, meios de classificação do conhecimento com vistas à administração da distribuição de recursos escassos. Face a este quadro, quais as perspectivas de sobrevivência de Germinal?

Considerações finais

Até aqui, procuramos levantar, em notas, algumas das determinações que marcaram a posição em que *Germinal* se encontra neste momento: (a) acirramento de uma economia-política adversária da classe trabalhadora; (b) na batalha das ideias que se trava na sociedade fundada na luta de classes, a reivindicação de uma perspectiva a serviço da classe trabalhadora na direção da crítica que nos coloca como alvo e censura; (c) a produção de *Germinal* amarrada ao sistema de avaliação da produtividade docente que condiciona o acesso aos recursos públicos e à formação de Mestres e Doutores; (d) um quadro de crise econômica e política no qual a luta pela expansão do comércio de dinheiro gerencia o acesso às necessidades e direitos fundamentais estrangulando-os, quadro que compromete a existência do projeto de Universidade pública, e agrava o impedimento da produção e livre circulação do conhecimento crítico.

Sobre estas determinações – certamente, registradas parcialmente e em notas aceleradas neste manuscrito – *Germinal* completa 10 anos desafiando aos que reivindicam o marxismo – como referencial a ser estudado pelos educadores e referencial a que os educadores recorrem para entender os diferentes objetos e campos de trabalho nos quais se inscrevem – a manter vivo este espaço de luta. Colocar em movimento os 24 artigos que aguardam designação para avaliação, os 16 artigos em avaliação e os 37 artigos em edição neste exato momento (28.04.2019) demanda dos membros do conselho editorial e dos avaliadores um volume de trabalho considerável numa conjuntura que demanda também e mais que nunca militância e diálogo com os trabalhadores. Mais que nunca *Germinal* demanda trabalho não pago para manter-se viva!! E temos de decidir se despende este trabalho a serviço da preservação deste espaço é relevante e prioritário nesta conjuntura. Exatamente no instante em que fechamos este número, simultaneamente, a CAPES publica o novo Qualis, anunciando os cortes nas bolsas de estudos para Mestrado e Doutorado, evidenciando-se o agravamento da escassez de recursos para a Pós-Graduação e a incrível e total submissão dos intelectuais/editores ao sistema de avaliação, sem capacidade de projetar as tendências que berram dos sinais dados pelo Governo de Paulo Guedes.

Reconhecemos com Marx que fazemos a história de acordo com as condições que nos são legadas pelo passado e se configuram como determinações das possibilidades de movimento no nosso presente.

Estamos produzindo *Germinal* no interior das relações de produção aqui apanhadas em notas gerais, não nos sendo possível escapar desta conjuntura. A sobrevivência de *Germinal* demanda que ultrapassemos a dispersão dos intelectuais e nos organizemos para defendê-la como espaço de debate que, apesar de todas as adversidades, se consolidou nestes 10 anos. Esta não é uma tarefa exclusiva dos Editores ou do conselho editorial. A possibilidade de avançarmos como um periódico que projetou debater a educação em perspectiva marxista e pensar o marxismo como um problema dos educadores está inscrita naquele território em que reconhecemos que agimos em condições determinadas, mas, pela análise, recorrendo ao método, reconhecemos o espaço de mobilidade que a conjuntura nos possibilita.

Esperamos e trabalhamos até aqui para que arranquemos as condições para o passo adiante da correlação de forças que nos pressiona, pois:

[...] Agora, em pleno céu, o sol de abril brilhava em toda a sua glória, aquecendo a terra que germinava. Do flanco nutriz brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdes, os campos estremeciam com o brotar da relva. Por todos os lados as sementes cresciam, alongavam-se furavam a planície, em seu caminho para o calor e a luz. Um transbordamento de seiva escorria sussurrante, o ruído dos germes expandia-se num grande beijo. E ainda, cada vez mais distintamente como se estivessem mais próximos da superfície, os companheiros cavavam. Sob os raios chamejantes do astro rei, naquela manhã de juventude, era daquele rumor que o campo estava cheio. Homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra. (ZOLA, Emile. *Germinal*).

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, Ricardo. DA PRAGMÁTICA DA ESPECIALIZAÇÃO FRAGMENTADA À PRAGMÁTICA DA LIOFILIZAÇÃO FLEXIBILIZADA: AS FORMAS DA EDUCAÇÃO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 25-33, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9834/7120>>. Acesso em: 23 Fev. 2019.
- DAVIES, Nicholas. O COMPROMISSO EDUCACIONAL DA UNIÃO, ESTADOS E MUNICÍPIOS: COLABORAÇÃO, SUBORDINAÇÃO OU OMISSÃO?. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 116-125, mai. 2016. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13760/11680>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v8i1.13760>.
- DIAS, Edmundo Fernandes. MODO DE PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 34-42, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9836/7121>>. Acesso em: 23 Fev. 2019.
- FREITAS, Luiz Carlos de. OS EMPRESÁRIOS E A POLÍTICA EDUCACIONAL: COMO O PROCLAMADO DIREITO À EDUCAÇÃO DE QUALIDADE É NEGADO NA PRÁTICA PELOS REFORMADORES EMPRESARIAIS. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 48-59, ago. 2014. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12594/8857>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v6i1.12594>.
- HARVEY, D. O enigma do capital e as crises do capitalismo. SP: Boitempo, 2011.
- INEP. Formação de Profissionais da Educação (1997-2002). Coordenação e organização Iria Brzezinski; colaboração: Elsa Garrido. – Brasília : Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484330/Formação+de+profissionais+da+educação+%281997-2002%29/fe0fd8db-380c-411d-95a3-91d711cb8639?version=1.3> Acesso em: 21/03/2019. 11h21
- INEP. Formação de profissionais da educação (2003-2010) / Iria Brzezinski – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484330/Formação+de+Profissionais+da+Educação+%282003-2010%29/75b146e9-6cf8-4066-bb8e-4592f97f374c?version=1.5> Acesso em: 21/03/2019. 11h21
- LEHER, Roberto. Crise Econômica e Política: Perspectivas para a Educação. **XXVI Seminário Nacional da Rede UNIVERSITAS/Br - 07/06/2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9y6rL590NRg> Acesso em: Acesso em 14.04.2019 08h42.
- LESSA, Sergio. MODO DE PRODUÇÃO E REVOLUÇÃO: LUKÁCS E MÉSZÁROS. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 66-83, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível

em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9839/7124>>. Acesso em: 23 Fev. 2019.

MARONEZE, Luciane Francielli. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DA REORGANIZAÇÃO CAPITALISTA E DAS MUDANÇAS NA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA PÓS 1990. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 45-57, mai. 2013. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9403/6841>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v4i1.9403>.

MELO, Adriana Almeida Sales de; SOUSA, Flávio Bezerra de. A AGENDA DO MERCADO E A EDUCAÇÃO NO GOVERNO TEMER. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 25-36, mai. 2017. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/21619/14336>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v9i1.21619>.

MELO, Adriana Almeida Sales de. EDUCAÇÃO BRASILEIRA E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DO CAPITALISMO. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 20-30, mai. 2013. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9401/6839>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v4i1.9401>.

PINA, Leonardo Docena. EMPRESÁRIOS E RESPONSABILIZAÇÃO EDUCACIONAL: ENSAIO SOBRE A ATUAÇÃO DE NOVOS INTELECTUAIS COLETIVOS. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 88-97, jul. 2014. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9508/8932>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v6i1.9508>.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Dermeval. MODO DE PRODUÇÃO E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 110-116, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9844/7129>>. Acesso em: 23 Fev. 2019.

SAVIANI, Dermeval. A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA, AS LUTAS DE CLASSE E A EDUCAÇÃO ESCOLAR. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, jan. 2013. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9697/7085>>. Acesso em: 23 Fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9697>.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. MODO DE PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO: QUESTÕES DO MODO DE VIDA: UMA CONTRIBUIÇÃO DE LEON TROTSKY. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 4-13, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9830/7118>>. Acesso em: 23 Fev. 2019.

Notas:

¹ Germinal é o nome do primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa. Também é o título da obra de Emile Zola *Germinal*. “Ao usar essa palavra como título do seu livro, Zola associa as sementes das novas plantas à possibilidade da transformação social. Por mais que se arranque os brotos das mudanças, elas sempre voltarão a germinar” (ZOLA, Emile. *Germinal*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000). É com a finalidade de recordar, as lutas sociais já travadas na história da humanidade e a necessidade continuada de plantar as sementes de mudança, além de destacar a obrigação dos universitários, na condição privilegiada na qual se

encontram, em pensar saídas para as questões candentes postas continuamente pela sociedade, que nomeamos nosso Boletim como “Germinal”. Inicialmente, propomos uma tiragem bimestral destinada à discussão dos rumos da Universidade em Geral, e das questões específicas que interferem no fazer *ensino e pesquisa* dos universitários (Boletim Germinal, V. 1, N. 1, 11.03.2008).

² (I) Fundadora e Editora da Revista *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* nos últimos 10 anos. Responsável direta, juntamente com Maria de Fátima Rodrigues Pereira, pela viabilização do projeto da revista e pela coordenação e execução da comunicação com editores, autores e avaliadores, assim como pelo projeto e pela execução “amador(a)” de formatação de cada um dos números.

(II) Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Lisboa (2014-2015). Doutora em Filosofia e História da Educação (2007) pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora Adjunto 4 da Universidade Federal da Bahia (2011-). Atuou no Programas de Pós-Graduação Mestrado Associado em Educação Física UEM/UEL (2008-2013). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFBA (2011-), linha Educação, Cultura Corporal e Lazer. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Atuou como pesquisadora nos projetos (a) do Diagnóstico Nacional do Esporte; (b) Epistef Nordeste. É membro do Grupo HISTEDBR e líder do Grupo Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação.

(III) Email: elza.peixoto@ufba.br

³ Émile-Édouard-Charles-Antoine Zola – Emille Zöla (02 de abril de 1840 a Paris, 29 de setembro de 1902) foi um consagrado escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista além de uma importante figura libertária da França. *Germinal* é o décimo terceiro romance da série *Les Rougon-Macquart*.

⁴ No lugar da evidência da luta de classes e da diferença de interesses entre trabalhadores e capitalistas, o capital põe todos a seu serviço como “colaboradores” ou “gerentes”. A história vai sendo reescrita e disseminada em versões falsificadas com demonização das revoluções socialistas e dos heróis que as conduziram. Os movimentos de luta e os militantes que os conduzem são duramente combatidos, perseguidos, criminalizados, vitimados. Este entre outros movimentos confirmam Ponce (2007, p. 36) alerta: “Mais ciumenta dos seus bens, por causa da importância dos interesses que deviam defender e pela possibilidade de refletir a respeito desses interesses, mediante o “ócio” que lhes era assegurado pelo trabalho alheio, as classes opressoras adquiriram, em relação às oprimidas, *uma consciência mais clara de si próprias*. Em virtude desta maior precisão de propósitos, elas adaptaram bem a sua educação, e a que ministravam aos outros, aos fins que visavam”. Conclui lembrando que para ser eficaz, toda educação imposta pelas classes proprietárias deve cumprir as três finalidades essenciais seguintes: 1º destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga; 2º consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante, e 3º prevenir uma possível rebelião das classes dominadas. *No plano da educação a classe dominante opera, assim, em três frentes distintas*, e ainda que cada uma dessas frentes exija uma atenção desigual segundo as épocas, a classe dominante não as esquece nunca (PONCE, 2007, p. 36).

⁵ Cartel – 10 Corporações controlam quase tudo que você compra. Disponível em: <https://www.cosif.com.br/publica.asp?arquivo=Cartel10marcas> Acesso em: 21/02/2019.

⁶ “Cerca de 7 milhões de pessoas que compõem o grupo dos 1% mais ricos do mundo ficaram com 82% de toda riqueza global gerada em 2017, aponta um estudo divulgado nesta segunda-feira (22) pela organização não-governamental britânica Oxfam antes do Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, na Suíça. A metade mais pobre da população mundial, por outro lado, não obteve nada do que foi gerado no ano passado. Esse grupo reúne 3,7 bilhões de pessoas, mostra o relatório “Recompensem o trabalho, não a riqueza” (G1 Economia – 22/01/2018) Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/super-ricos-ficam-com-82-da-riqueza-gerada-no-mundo-em-2017-diz-estudo.ghtml> Acesso em 15/01/2019. 05h24.) “Cinco bilionários brasileiros concentram patrimônio equivalente à renda da metade mais pobre da população do Brasil, mostra um estudo divulgado nesta segunda-feira (22) pela organização não-governamental britânica Oxfam antes do Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, na Suíça, nesta semana. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possuía **207,6 milhões de habitantes em 2017**.” (G1 Economia – 22/01/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/5-bilionarios-brasileiros-concentram-mesma-riqueza-que-metade-mais-pobre-no-pais-diz-estudo.ghtml> Acesso em 15/01/2019 05h29).

Em 2016 a BBC News Brasil divulgou outros levantamentos feitos pela mesma organização. A matéria publicada no periódico On Line dizia: “**A riqueza acumulada pelo 1% mais abastado da população mundial agora equivale, pela primeira vez, à riqueza dos 99% restantes**. Essa é a conclusão de um estudo da organização não-governamental britânica Oxfam, baseado em dados do banco Credit Suisse relativos a outubro de 2015. O relatório também diz que as 62 pessoas mais ricas do mundo têm o mesmo – em riqueza v que toda a metade mais pobre da população global. O documento pede que líderes do mundo dos negócios e da política reunidos no Fórum Econômico Mundial de Davos, que começa nesta semana, na Suíça, tomem medidas para enfrentar a desigualdade no mundo. A Oxfam critica a ação de lobistas – que influenciam decisões políticas que interessam empresas – e a quantidade de dinheiro acumulada em paraísos fiscais. [...] Segundo o estudo da Oxfam, quem acumula bens e dinheiro no valor de US\$ 68 mil (cerca de R\$ 275 mil) está entre os 10% mais ricos da população. Para estar entre o 1% mais rico, é preciso ter US\$ 760 mil (R\$ 3 milhões). (BBC News Brasil. 18/01/2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn Acesso em 15/01/2019 05h36.)

⁷ SAIA DA MATRIX. O projeto monopolista para educação brasileira e a pós-política (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4bCPdkXVEs> Acesso em: 14.04.2019 00:22. SAIA DA MATRIX. Quem manda no Brasil? <https://www.youtube.com/watch?v=OnPSqjTuRk0> Acesso em: 14.04.2019 00:22. SAIA DA MATRIX. **Austeridade Fiscal gera crescimento do déficit público e desemprego: Entenda**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ssbgH09npEs> Acesso em: 14.04.2019 00:22.

⁸ MELO, Adriana Almeida Sales de. *A mundialização da educação: consolidação do projeto neoliberal na América Latina – Brasil e Venezuela*. Macció: EDUFAL, 2004.

⁹ Em balanço da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte e Logística CNTTL: “Os jovens ocupam, hoje, um quarto da população do País. Isso significa 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos vivendo, atualmente, no Brasil, sendo 84,8 % nas cidades e 15,2 % no campo. A pesquisa mostra que 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalham, 36% estudam e 22, 8% trabalham e estudam simultaneamente. Os dados são do Censo 2010, último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado na segunda-feira, dia 14.

Um levantamento feito entre abril e maio de 2013, pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) da Secretaria Geral da Presidência da República, para analisar o perfil dos jovens brasileiros, detalha um pouco mais essa porcentagem. O estudo aponta que entre os mais novos, na faixa de 15 a 17 anos, 65% estudam e 16% trabalham. Entre os jovens de 25 a 29 anos, mais de 70% trabalha ou está procurando trabalho, enquanto apenas 12% ainda estuda.

Um estudo elaborado pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2009 aponta a juventude brasileira como uma juventude trabalhadora. Mesmo considerando a diminuição das taxas de participação no mercado de trabalho nos últimos anos, a juventude brasileira tem se esforçado para combinar trabalho e estudo.

Porém o documento revela um ingresso ao mercado de trabalho, predominantemente aos 18 anos e fortemente marcado por desigualdades sociais. Os jovens de renda mais elevada estão sujeitos a menores índices de desemprego. A chamada “inatividade” juvenil atinge mais intensamente jovens mulheres e negras. Os trabalhos informais são ocupados sobretudo por jovens de baixa renda e baixa escolaridade, mulheres e principalmente por jovens negros de ambos os sexos.” CNTTL. 51 milhões dos brasileiros são jovens, aponta Censo IBGE. Nove em cada dez responderam que podem mudar o mundo. Disponível em: <https://cnttl.org.br/index.php?tipo=noticia&cod=3138> Acesso em: 04.04.2019. 05h03. IBGE. População jovem no Brasil. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf> Acesso em: 04.04.2019. 04h48.

¹⁰ Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte e Logística

¹¹ Segundo a carta de Conjuntura do IPEA de 14 de março de 2019: “O atual cenário de lenta desaceleração da taxa de desemprego e leve expansão da ocupação e dos rendimentos mostra-se compatível com a trajetória de recuperação moderada da economia brasileira. Após iniciar o ano de 2018 com claros sinais de dinamismo, crescendo a 2,0% em termos interanuais, o crescimento da população ocupada desacelerou-se, de modo que, no trimestre móvel, encerrado em janeiro deste ano, o crescimento observado foi de 0,9%. Na desagregação por idade, o comportamento da ocupação foi ainda pior no segmento dos mais jovens (18 a 24 anos), com retração de 1,3% no período. Como consequência dessa baixa expansão da população ocupada, a taxa de desocupação dessazonalizada manteve-se praticamente estável na comparação entre janeiro de 2018 e de 2019, com queda de apenas 0,2 p.p. – de 12,2% para 12,0%.

Essa lenta recuperação do mercado de trabalho – traduzida na manutenção de uma taxa de desemprego alta e persistente, principalmente entre os menos escolarizados – vem gerando aumento no número de domicílios que declararam não possuir renda de trabalho e nos domicílios de renda de trabalho muito baixa. Enquanto, no quarto trimestre de 2017, em 21,5% dos domicílios pesquisados pela Pnad Contínua não havia nenhum membro desempenhando uma atividade remunerada no mercado de trabalho, no último trimestre de 2018, essa porcentagem avançou para 22,2% – antes da recessão, no final de 2013, era de 18,6%. No caso dos domicílios de renda baixa, esta parcela passou de 29,8% para 30,1%, na mesma base de comparação – era 27,5% no último trimestre de 2013. Ainda dentro deste contexto, os dados desagregados de rendimentos (deflacionados pelo Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda) mostram que vem crescendo a desigualdade salarial entre os segmentos pesquisados, como evidenciado pelo desempenho do índice de Gini no ano passado. No quarto trimestre de 2014, a média da renda domiciliar do trabalho para a faixa de renda alta era 27,8 vezes maior que a média da renda da faixa de renda muito baixa. Já no último trimestre de 2018, a média da renda domiciliar da faixa mais alta era 30,3 vezes maior.” IPEA. Carta de Conjuntura. 20.03.2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/taxa-de-desemprego/> Acesso em: 06.04.2019.

¹² FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 2006.

¹³ Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-aquatica/zona-costeira-e-marinha.html> Acesso em: 04/04/2019

¹⁴ G1 Mogi das Cruzes e Suzano. Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml> Acesso em 09.05.2019 02h20.

¹⁵ **EL PAÍS**. Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil. 06.05.2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618_348570.html Acesso em: 08.05.2019 02h28. **O Globo**. Cortes no MEC afetam educação básica, anunciada como prioridade por Bolsonaro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/cortes-no-mec-afetam-educacao-basica-anunciada-como-prioridade-por-bolsonaro-23646433> Acesso em: 08.05.2019 02h28. **G1**. Capes suspende concessão de bolsas de mestrado e doutorado. 08.05.2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/08/concessao-de-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-pela-capes-sao-suspensas.ghtml> Acesso em: 08.05.2019 02h28. **Folha de São Paulo**. Gestão Bolsonaro faz corte generalizado em bolsas de pesquisa no país. 08.05.2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/gestao-bolsonaro-faz-corte-generalizado-em-bolsas-de-pesquisa-pelo-pais.shtml> Acesso em: 08.05.2019 02h28.

¹⁶ CARDOSO, Rodrigo. O novo retrato da fé no Brasil. Revista Histór. é. Disponível em: https://istoe.com.br/152980_O+NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL/ Acesso em: 06.04.2019 06h25. MARIANO, Ricardo. Mudanças do campo religiosos brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://oldsociologia.fflch.usp.br/sites/oldsociologia.fflch.usp.br/files/Campo%20religioso%20no%20Censo%202010.pdf> FGV Diversidades: Retratos das Religiões no Brasil. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/religiosos/Apresentacao/CPS.FGV-Retrato%20das%20religioses%20no%20Brasil-Apresentacao.pdf> Acesso em: 06.04.2019 06h39. IBGE. Características gerais da

- população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 06.04.2019 06h39.
- 17 Revista Banco de Ideias. Instituto Liberal. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/> Acesso em: 23/02/2019 13h41. Maçonaria On Line. Disponível em: <http://www.maconariaonline.com/home.php> Acesso em: 23/02/2019 13h41. Revista Liberal - Pensando em libertad. Disponível em: <http://revistaliberal.com/quienes-somos/> Acesso em: 23/02/2019 13h47. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis> Acesso em: 23/02/2019 13h53. Outro conjunto de periódicos que reivindicam a fenomenologia pode ser visto em: <http://labfeno.com.br/revistas/revistas-de-fenomenologia/> Acesso em: 23/02/2019 13h55. Mises Brasil. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=42> Acesso em: 23/02/2019 13h58. Coleção Capela Positivista. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nph/acervo/colecao-capela-positivista/catalogo-colecao-capela-positivista/> Acesso em: 23/02/2019 14h16.
- 18 DIAS, Edmundo Fernandes. Modo de Produção e Educação. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, V. 1, N. 1, Junho de 2009, p. 34-42. TROPIA, Patrícia Vieira. Modo de produção e educação: apontamentos sobre a educação na reprodução capitalista e na transição ao socialismo. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, V. 1, N. 1, Junho de 2009, p. 14-24. ANTUNES, Ricardo. Da pragmática da especialização fragmentada à pragmática da liofilização flexibilizada: as formas da educação no modo de produção capitalista. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, V. 1, N. 1, Junho de 2009, p. 25-33. LOMBARDI, José Claudinei. Modo de produção e educação: notas preliminares. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, V. 1, N. 1, Junho de 2009, p. 43-53. TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Modo de produção e educação: questões do modo de vida: uma contribuição de Leon Trotsky. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, V. 1, N. 1, Junho de 2009, p. 4-13.
- 19 Na página do -Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP encontramos:
 “Avaliação dos Cursos de Graduação
 O Inep conduz todo o sistema de avaliação de cursos superiores no País, produzindo indicadores e um sistema de informações que subsidia tanto o processo de regulamentação, exercido pelo MEC, como garante transparência dos dados sobre qualidade da educação superior a toda sociedade.
 Os instrumentos que subsidiam a produção de indicadores de qualidade e os processos de avaliação de cursos desenvolvidos pelo Inep são o **Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)** e as avaliações in loco realizadas pelas comissões de especialistas.
 Participam do Enade alunos ingressantes e concluintes dos cursos avaliados, que fazem uma prova de formação geral e formação específica. As avaliações feitas pelas comissões de avaliadores designadas pelo Inep caracterizam-se pela visita in loco aos cursos e instituições públicas e privadas e se destinam a verificar as condições de ensino, em especial aquelas relativas ao perfil do corpo docente, as instalações físicas e a organização didático-pedagógica.” (INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/avaliacao-dos-cursos-de-graduacao> Acesso em: 13.04.2019 22:33)
- 20 Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> Acesso em: 13.04.2019 22:33
- 21 O acesso à página Qualis está condicionado à assinatura de um termo no qual afirmamos que lemos e entendemos a finalidade do Qualis, segundo o portal:
 “Qualis-Periódicos
O que é?
 O Qualis-Periódicos é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção.
Quem faz e como é feita a classificação?
 A classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação seguindo critérios previamente definidos pela área e aprovados pelo CTC-ES, que procuram refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área. Os critérios gerais e os específicos utilizados em cada área de avaliação da CAPES estão disponibilizados nos respectivos Documentos de Área.
 A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos.
 A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero.
 Note-se que o mesmo periódico, ao ser classificado em duas ou mais áreas distintas, pode receber diferentes avaliações. Isto não constitui inconsistência, mas expressa o valor atribuído, em cada área, à pertinência do conteúdo veiculado. Por isso, não se pretende com esta classificação que é específica para o processo de avaliação de cada área, definir qualidade de periódicos de forma absoluta.
 É importante ressaltar que apenas os periódicos que tenham recebido produção no ano ou período de classificação serão listados e classificados, portanto, não se trata de uma lista exaustiva de periódicos, mas sim uma lista de periódicos efetivamente utilizados pelos programas de pós-graduação no período em análise.
Pra que serve?
 A função do QUALIS é exclusivamente para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação. Qualquer outro uso fora do âmbito da avaliação dos programas de pós-graduação não é de responsabilidade da CAPES.
 O aplicativo que permite a classificação e consulta ao Qualis das áreas, bem como a divulgação dos critérios utilizados para a classificação de periódicos é o WebQualis.” (QUALIS. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> Acesso em: 13.04.2019. 22h44.)
- 22 Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (julho de 2015 a julho de 2019). Professor Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro na linha Políticas e Instituições Educacionais. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1998), desenvolve pesquisa em políticas públicas em educação. Integra Comitês
Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 10, n. 3, p. 8-25, dez. 2018.

Editoriais de vários periódicos. Professor colaborador da Escola Nacional Florestan Fernandes. Bolsista Sênior da Cátedra sobre desenvolvimento IPEA-CAPES (2011 e 2012), pesquisador do CNPq e bolsista do programa Cientistas de Nosso Estado -FAPERJ (até 07-2018).

- ²³ LEHER, Roberto. Crise Econômica e Política: Perspectivas para a Educação. **XXVI Seminário Nacional da Rede UNIVERSITAS/Br - 07/06/2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9y6rL590NRg> Acesso em: Acesso em 14.04.2019 08h42.
- ²⁴ Reforçamos que estamos reproduzindo a análise de Roberto Leher a partir da conferência que produziu no XXVI Seminário da Rede Universitas. Há passagens nas quais a fala de Leher está reproduzida literalmente e há passagens que nós adaptamos com a finalidade de dar maior objetividade e melhor fluxo ao texto, entretanto a autoria das teses aqui defendidas é de LEHER, Roberto. Crise Econômica e Política: Perspectivas para a Educação. **XXVI Seminário Nacional da Rede UNIVERSITAS/Br - 07/06/2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9y6rL590NRg> Acesso em: Acesso em 14.04.2019 08h42. Destacamos que estas notas foram revisadas pelo Professor Roberto Leher.
- ²⁵ Uma característica essencial do capitalismo é um processo de desenvolvimento desigual das forças produtivas, especialmente importante para a apreensão das relações de produção na divisão internacional do trabalho e no caso particular brasileiro. Apoiado em Florestan Fernandes (*A Revolução Burguesa no Brasil*), Leher vai recordar que “no Brasil nós não temos uma revolução burguesa clássica como foi na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos”. A burguesia no Brasil fez uma revolução que não precisou incorporar as demandas de trabalhadores na luta de classes, assentando o desenvolvimento das forças produtivas no Brasil na exploração brutal do trabalho, na brutal expropriação primária e secundária, não necessitou desenvolver às últimas consequências a idealizada democracia liberal burguesa. A título de exemplo, sinaliza que o bloco de poder que se estrutura no Brasil articula-se mundialmente ao capitalismo monopolista, conseguindo, nos anos 50, ter uma taxa de crescimento chinesa (8 a 10% ao ano) com uma população analfabeta. LEHER, Roberto. Crise Econômica e Política: Perspectivas para a Educação. **XXVI Seminário Nacional da Rede UNIVERSITAS/Br - 07/06/2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9y6rL590NRg> Acesso em: Acesso em 14.04.2019 08h42.